

ALMOÇO INDIGESTO

Vanderlei KROIN¹³⁶

A mulher chegou em casa exausta da feira. A sacola que carregava não estava pesada, o que mais a cansou foi a distância que percorreu até chegar em sua residência, ainda mais com o escaldante sol. Eram dez horas da manhã. Um dia bonito de sábado.

Em casa, o marido, em sua merecida folga, lia algumas notícias no jornal. Interessava-se habitualmente pela seção de futebol e entretenimento, mas hoje deu atenção especial à parte de política e economia, apesar de que não entendia quase nada daquele amontoado de palavras que explicavam a situação econômica e política da cidade e também do país.

Era uma linguagem rebuscada, assinada por gente que se supunha entendida do assunto. Economistas, consultores, analistas políticos que escreviam de si para si e que o homem se debatia inclusive para soletrar determinadas palavras e expressões. Entender, de fato, beirava o abismo do impossível. Fechou o jornal.

A mulher encontrou-o sentado no sofá, ainda de chinelo, como que a pensar em algo importante que lera no jornal. Concentrado em suas inquietações nem notou a entrada dela. Levou um susto e teve um sobressalto quando ela bateu a porta. Olhou-a espantado e, depositando o jornal no sofá, foi ajudá-la na cozinha. Estava quase na hora do preparo do almoço e ele simpatizava com arte culinária. Era um homem deveras moderno, a mulher elogiava-o quando ele preparava alguns pratos.

Perguntou à mulher por que motivo estava toda vermelha na face e ainda pouco ofegante ao que ela respondeu com certa tranquilidade e com pausas que tal situação deveu-se ao fato de vir a pé, em vez de tomar o ônibus, como de costume.

¹³⁶ Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

O homem não fomentou resposta. O silêncio foi suprimido novamente pela mulher, que comentou a respeito do aumento da tarifa de ônibus.

O homem reclamou para si mesmo de tal acontecimento. Lembrou-se do jornal. Havia algo a respeito. Enquanto falava com a mulher de assuntos domésticos ajudava-a a guardar os produtos da feira. Logo iria ajuda-la com o almoço. Retirava cuidadosamente as frutas e verduras da sacola. Eram poucas e diferentes das que habitualmente consumiam. A mulher reclamou dos preços. Com o mesmo dinheiro já não comprava a mesma quantidade de coisas do mês anterior.

Preparado o almoço, ambos sentaram-se à mesa, conversando ainda sobre os assuntos econômicos da casa. Teriam de cortar gastos. Haviam vendido o carro já, os impostos e o combustível se inflaram a níveis alarmantes; trocaram de apartamento, reduziram os gastos ao mínimo, mesmo assim o dinheiro quase que faltava ao final do mês. Ela perdera o emprego recentemente e o corte de gastos precisou ser ainda mais radical.

Os impostos aumentaram em muito nos últimos meses, a crise parecia crescente. As contas de água e luz dobraram de preço, de forma que, na televisão só se via os telejornais, à noite e as lâmpadas foram todas trocadas.

Estava indigesto aquele almoço cheio de impostos e juros. Os dois não compreendiam as causas daquela crise, tampouco as consequências futuras, apenas previam que a situação estava piorando dia a dia, enquanto viam na televisão a riqueza exuberante concentrada nas mãos de poucas pessoas e a situação lastimável das outras classes.

Acharam por melhor lavar juntos a louça suja. A tarde estava propícia para um passeio, talvez um sorvete na lanchonete da praça. Eram três horas da tarde. A mulher preferiu descansar. O homem sentou-se novamente no sofá, a fim de ler mais algumas páginas do jornal, nem percebeu que ele era da semana passada. Os impostos já tinham aumentado e a esperança diminuído.

Recebido em 20/07/2016.

Aceito em 27/12/2016.